

Grupo de trabajo de Convergencia

Perspectivas en Psicoanálisis

A sublimação do ódio: ¿uma pergunta?

Adriana Bauab

O grupo de trabalho Perspectivas em Psicanálise trabalhou o tema "Amor, ódio, ciúme: da tragédia à comédia em análise" neste último ciclo. Prolíficos escritos de vários autores contribuíram para este trabalho. E isso levou à publicação do número 8 da recém-publicada revista Lapsus Calami.

Pela minha experiência na clínica e pelas leituras que investiguei, surgiu em mim uma questão que parece estar subjacente a vários dos textos: a sublimação do ódio é possível?

O ódio é uma paixão do ser que engendra violência, agressão, segregação e tantas outras manifestações nocivas no vínculo do sujeito com o próximo e consigo mesmo. Talvez daí tenha surgido o mandamento cristão que diz "ama o teu próximo como a ti mesmo", sem saber que também dentro de ti existe ódio, ódio aliado ao impulso de destruição.

Tentarei tecer algumas reflexões sobre a questão do ódio, seu lugar e função na estrutura subjetiva e um possível destino.

Na aula de 13 de março de 1963, no seminário sobre a angústia, Lacan enunciou o conhecido aforismo: o amor-sublimação permite ao gozo condescender com o desejo.

Interessante pensar no rumo da cura e na possível canalização dos gozos.

O amor companheiro das musas inspira as mais eloquentes páginas literárias e belas expressões da arte. Por isso se alia à sublimação e desafia o desejo, condescendendo com o gozo. No entanto, Lacan enfatiza que, nos antípodas da religião, a análise nos incita a lembrar que não se conhece o amor sem o ódio.

O ódio é uma paixão que abrange uma gama de emoções diversas, desde o ingênuo ciúme fraterno entre irmãos na infância, até o crime de homicídio perpetrado com fúria impetuosa. Mas pode ser processado na unidade de destino da sublimação? Algumas referências freudianas permitem deduzir que o ódio faz parte da estrutura do sujeito, que em tempos instituintes o primordial é o ódio, o que implicará a primeira manifestação de separação, diferenciação e subjetivação para o infans.

Assim, no início de sua obra, Freud nos diz que para o bebê – em seu desamparo radical –, o Outro é seu primeiro objeto satisfatório, seu primeiro objeto hostil e a única força de ajuda. Em *As pulsões e seus destinos*, ele afirma que o ódio é mais antigo que o amor. Pois a constituição do ego de prazer purificado, o mundo externo, o objeto e o odiado teriam sido inicialmente idênticos. O mundo exterior divide-se para o infans em agradável que se incorpora e um resto estranho a ele que percebe como hostil e o expulsa.

O ódio faz parte da constituição do narcisismo; está em um tempo incipiente da constituição da pulsão. Desde cedo, o sujeito é vivenciado no campo do outro, na imagem especular, alienação imaginária que institui a agressividade necessária à separação propiciatória para a subjetivação.

O ódio como separador é oportuno na clínica. Extensos parágrafos da narrativa de análise do romance familiar são tingidos de ódio, em seus vários matizes. Por vezes, como na preparação de duelos difíceis de processar, é uma ferramenta excepcional que facilita a desidealização do objeto perdido e a inversão do sentimento de culpa inevitável que provoca a perda de um amado.

Em sua carta de 1932 *Por que a guerra?*, a uma pergunta de Albert Einstein, Freud declara que não tem uma resposta satisfatória para impedir o ódio, o impulso de destruição e o desejo de domínio que produz tantas guerras entre os humanos. O que ele propõe literalmente é que tanto o amor quanto o ódio, cada um deles é essencial para o outro, e de sua ação conjunta e antagônica surgem as manifestações da vida. Enfatiza que cada um deles está vinculado ao outro, que até modificam o propósito do outro e em certas circunstâncias é o requisito incontornável para que esse propósito seja alcançado.

Por fazer parte constitutiva da estrutura, não há destino sublimatório do ódio; talvez o vínculo com seu oposto, que é o amor, seja a exigência inevitável de modificar ou alcançar um fim possível que não seja violência nem destruição; que o objetivo ou fim não é a destruição do outro ou do próprio sujeito.

Acho uma pérola notável o neologismo haineamoration - que Lacan nos oferece no Seminário de Aun - traduzido como ódioamoramento, ou seja, um vínculo entre ódio e amor que fomenta a possibilidade de incluir a falta, a inevitável castração no vínculo com o outro, seja o analista na transferência, o vizinho no laço social, o parceiro e também no eu do sujeito.

¿O que acontece quando não ocorre esse elo entre o ódio e o amor em seus balanços propiciatórios?

Lá a paranóia se manifesta com suas expressões de ódio às vezes devastadoras.

As vicissitudes nas operações de constituição do narcisismo dão origem à agressão, à violência, ao ódio. E não se consegue articular com o amor, caracteriza a posição paranóica.

Jean-Jacques Tyszler e Daniel Paola - em seus artigos na revista Lapsus Calami - nos aproximam de uma versão para pensar essa característica persecutória atribuída ao outro na paranóia e sua abordagem clínica.

O primeiro refere-se ao nó trevo. A flutuação de um nó borromeano de três voltas para um nó de trevo, em que os três registros são homogeneizados, verifica-se na clínica quando o paciente assume uma posição pseudo-paranoica interpretativa ou rancorosa.

Daniel Paola propõe, na paranóia, uma pausa na série "eu o amo, eu o odeio, ele me odeia", trabalhada por Freud no caso Schreber e posteriormente retomada por Lacan. Partindo do fato de que essa mentalidade foi fragmentada, ele se propõe a reconstruir cenas que foram fragmentadas pela obra e graça da castração rejeitada. Cenas históricas que demonstram duelos, frustrações e privações que evidenciam o amor e o ódio, como o de qualquer sujeito, mas que foram impedidos de dizer.

Reconhecemos que a dramaturgia faz uma encenação das manifestações do desencadeamento do ódio em suas variantes extremas, causadas pelo ciúme, inveja, vingança. A análise, por outro lado, promove um vínculo auspicioso entre ódio e amor (amor-ódio), que permite um processo no tecido social atravessado pela castração.